



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS



GABRIELA FERNANDES MORAES FONSECA

CAPÃO PECADO: A VOZ E A VEZ DA LITERATURA PERIFÉRICA

Rio de Janeiro

2022

GABRIELA FERNANDES MORAES FONSECA

CAPÃO PECADO: A VOZ E A VEZ DA LITERATURA PERIFÉRICA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Regina de Oliveira Cavalcante

Rio de Janeiro

2022

F733 Fonseca, Gabriela Fernandes Moraes
Capão pecado: a voz e a vez da literatura periférica/ Gabriela
Fernandes Moraes Fonseca-- Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras,
2022.
34 f.; 31 cm.
Orientadora: Silvia Regina de Oliveira Cavalcante.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Faculdade de Letras, 2022.

Referências bibliográficas: f. 32.
1. Literatura. 2.Periférica 3.Marginal. I. Cavalcante, Silvia Regina
de Oliveira. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de
Letras. IV. Título

Dedico esta monografia à minha mãe Neide, ser humano responsável por minha vida, vontade e possibilidade de pesquisar.

AGRADECIMENTOS

Há exatos quinze anos, eu entrava pela primeira vez numa sala de graduação e, com toda a bênção de Deus, foi na faculdade dos meus sonhos: a UFRJ. Eu tenho muito orgulho de pertencer a essa Universidade, e encho o peito para falar que faço parte dela.

Eu era muito nova quando cheguei aqui, apenas dezessete anos e um mundo de sonhos para realizar. Esses sonhos foram – e estão – sendo realizados nessa lacuna entre minha entrada e “saída” da UFRJ. Ao longo desse período, me formei em outras quatro graduações, me especializei em duas áreas, e concluí um Mestrado, tudo dentro da UFRJ.

Durante muito tempo, ouvi muitas pessoas falarem que não tinham mais “graça” as minhas formaturas, pois toda hora era uma colação de grau diferente, além de questionarem sobre o que eu faria com mais um diploma.

Primeiramente, eu amo estudar e ponto. Sou apaixonada pela arte da leitura, pela ânsia de adquirir cada vez mais conhecimento, e isso NUNCA vai ser perda de tempo. Estudo é investimento e cultura e, cada vez que eu leio, mais necessidade eu tenho de ler. Além disso, com muito orgulho, terminei essa faculdade após quinze anos, única e simplesmente pelo amor. Pelo amor à literatura, pelo amor à nossa língua, pelo amor à história do nosso país, por tantos amores que eu venho me deparando ao longo da vida acadêmica, que está só começando.

A minha paixão pela Língua Portuguesa começou ainda no Ensino Fundamental, quando um jovem professor, de apenas vinte e sete anos, veio falar de Língua Portuguesa comigo da forma mais encantadora possível. Como eu sou grata ao Professor Fábio Pereira por todo o ensinamento e, principalmente, pela paixão que ele imprimia em todas as aulas, paixão essa que eu vi todos os dias desses anos que passaram, todas as vezes em que eu chegava em casa meia-noite, todas as vezes em que eu fugia do trabalho na hora do almoço pra assistir às aulas, todas as vezes em que eu chegava atrasada no trabalho ou saía cedo pelo mesmo motivo, todas as vezes em que eu nem dormia para fazer trabalho, todas as vezes em que eu pensei em desistir, mas que

algo maior não me deixou fazer. Esse algo maior chama-se determinação ou, para os mais íntimos, força de vontade.

Como valeu a pena!

Só gratidão a Deus, a minha mãe Neide Moraes, e aos mais próximos que sabem o quão árdua foi essa luta.

Mãe, em breve chegará o dia em que você vai me ver na sala de aula da UFRJ de novo... só que, dessa vez, como professora!

Foi com amor, mas não foi fácil não.

Muito obrigada!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 REGINALDO FERREIRA DA SILVA, O FERRÉZ	11
2 A LITERATURA MARGINAL	14
2.1 A Cultura Das Periferias	15
3 A ORIGEM E O CONTEXTO DE CAPÃO PECADO	19
4 ANÁLISE DA OBRA	23
4.1 Criação e Representatividade	23
4.2 Denúncia Social	24
4.3 Coletividade	26
4.4 – Mapeamento	27
5 NÃO É SÓ O CAPÃO REDONDO	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

INTRODUÇÃO

Este trabalho de monografia tem como objetivo abordar a Literatura Brasileira Contemporânea, mais especificamente, a literatura marginal, tendo como base o livro *Capão Pecado*, de Reginaldo Ferréz. O livro é portador de um discurso literário, em linguagem coloquial, característica da literatura marginal, cuja narrativa aborda uma história romanesca entre Paula e Rael, na periferia do bairro Capão Redondo, da cidade de São Paulo. Em sua obra, o autor, que é conhecido pelo seu estilo literário múltiplo, apresenta a realidade do dia a dia de moradores da região do Capão Redondo, um lugar abandonado por Deus e batizado pelo Diabo.

O romance é reflexo das histórias das pessoas de Capão Redondo, periferia de São Paulo. São histórias de pessoas que não têm segurança, que não têm quem cuide de seus filhos e que muitas vezes mal conseguem colocar alimento na mesa. Pessoas que convivem com a miséria, com a violência do tráfico de drogas, com confrontos policiais e com a morte.

A leitura do livro ora trabalhado, muitas vezes, se torna atrativa pela comoção que causa ou, simplesmente, pelo fato de abrir os olhos de quem jamais percebeu que existe uma realidade diferente da sua: uma realidade dura, suja, indigna. Da intenção do autor de fazer um romance baseado em sua experiência social para causar identificação com os que compartilham do mesmo perfil sociológico, aparecem trechos que podem aproximá-lo desse público pela linguagem ou pelos conteúdos, que remetem à vida e as práticas na periferia.

A linguagem utilizada para narrar o cotidiano no Capão Redondo é advinda da periferia. É uma linguagem que traduz muita miséria, violência, insegurança e morte, marcada pela oralidade, pelos palavrões, gírias e códigos próprios das comunidades como um todo, o que inclui a região e os moradores do Capão Redondo. Essa linguagem concede à narrativa um efeito de realidade ao denunciar a vida do povo marginalizado e ignorado pelos governantes. Uma linguagem revolucionária para os padrões da literatura convencional.

Este não é um livro de fácil análise, pois ao dar voz e vida a um espaço geralmente excluído da sociedade, ao mesmo tempo nos grita que justamente neste local de opressão e esquecimento se reproduzem o que desejam as elites, de tal forma que a própria obra apresenta dificuldades em apresentar uma alternativa, em olhar de outra forma o próprio espaço.

Para melhor leitura e análise, foram selecionados componentes que se destacam em toda a estrutura da obra e que, apesar de dispostos em seções neste trabalho, são indissociáveis. Organizam-se, portanto, em: criação e representatividade, denúncia social, coletividade e mapeamento.

1 REGINALDO FERREIRA DA SILVA, O FERRÉZ

Reginaldo Ferreira da Silva, mais conhecido por Ferréz, pseudônimo escolhido pelo próprio autor, nasceu em 1975, em Valo Velho, um bairro pertencente ao Capão Redondo, na zona sul de São Paulo. Seu nome artístico tem origem em uma combinação híbrida de Virgulino Ferreira (Lampião) e Zumbi dos Palmares, símbolos de resistência de grupos minoritários – nordestina e africana, respectivamente. A alcunha do poeta demonstra o tipo de obra que será produzida, baseada em um registro de temas e de recursos formais que perpassam as comunidades mais pobres e que visam marcar o discurso literário sob uma perspectiva de cultura híbrida periférica. De fato, expressando uma forma de resistência. O escritor se declara um “produto do meio brasileiro” que optou por se definir como negro por considerar honroso defender “o lado mais prejudicado na história”.

Morador da periferia da cidade, mudou-se efetivamente para o Capão Redondo, um dos territórios mais violentos da cidade, aos três anos de idade. Ferréz utiliza sua produção literária para apresentar suas ideias e pensamentos, por meio da chamada “literatura marginal”. Além de poeta e escritor, é romancista, contista, *rapper*, e empreendedor brasileiro. Encontrou no meio literário espaço para dar voz e vez à sua história e a de seu povo, originário de uma das favelas mais famosas da capital, o Capão Redondo. Apesar de receber o título de escritor, Ferréz, em algumas entrevistas, já afirmou que não se intitula como tal, atuando mais como “datilógrafo do gueto”. Ele declara que atua como um canalizador em suas produções, que têm como plano principal o lugar e as pessoas de onde fala. Sempre teve predileção por rock nacional, até se identificar, no final da adolescência, com a crítica social presente nas letras de rap. Do seu entusiasmo pela música rap surgiu a aproximação ao movimento hip hop, com o qual aprendeu a ter o sistema capitalista como inimigo e a defesa das minorias sociológicas como bandeira.

A literatura da qual o escritor faz parte é denominada marginal por ser desenvolvida na periferia das grandes metrópoles e por abordar assuntos relacionados a esse contexto. Com uma linguagem influenciada pela variante linguística usada na periferia de São Paulo, já publicou bastantes livros, entre os quais pode-se citar *Fortaleza da Desilusão* (1997), *Amanhecer Esmeralda* (2005), *Ninguém É Inocente em São Paulo* (2006), *Deus foi almoçar* (2012), *Os ricos também morrem* (2015) e *Capão Pecado* (2001) – obra que deu início à sua militância em torno da cultura da periferia e objeto de estudo desta monografia.

Ferréz sempre gostou muito de ler e o incomodava – e incomoda até hoje – chegar ao final de uma leitura e não ter com quem comentá-la, tendo em vista o difícil alcance a livros por parte daqueles que compartilham do ambiente em que vive. Deu início a seus escritos por meio de cópias de trechos da Bíblia, aos sete anos de idade, pois esse era o único livro ao qual ele tinha acesso. Aos 12 anos de idade, já escrevia poesia. Seu primeiro livro de poemas foi lançado em 1997, mas foi com *Capão Pecado* (2001) que ganhou mais visibilidade na literatura. Teve uma infância extremamente precária; seu pai, motorista a vida toda, levou carne para a família comer pela primeira vez quando Ferréz tinha 15 anos. A realidade periférica de quem está à margem da sociedade, vivenciada pelo escritor, é o que motiva e alimenta as linhas agressivas de seus textos, na maioria das vezes, bastante ácidos, críticos e, ao mesmo tempo, irônicos e engraçados.

Além da produção de obras literárias, também é fundador da ONG *Interferência*, grupo voltado para a educação infantil e que objetiva a promoção de eventos e práticas culturais na região onde vive com sua esposa e sua filha, a comunidade do Capão Redondo. Além disso, possui sua própria marca, a *IDaSul*, fundada em 1999 com a ideia principal de ser uma marca de periferia, feita e usada por indivíduos pertencentes ao bairro.

A produção literária de Ferréz pode ser caracterizada por obras representativas de sua época e estilo. Ele é desses autores que não se esconde e concordo em dar entrevistas em eventos e em vários meios de comunicação. Na confecção deste estudo, bastantes entrevistas foram encontradas na internet, nas quais ele fala acerca de literatura, política, dentre outros assuntos de seu interesse e que são amplamente presentes em sua produção literária. No site *Youtube*, são diversos os vídeos com entrevistas sobre literatura, música e conjuntura política, incluindo um canal do escritor. Trata-se de um autor acessível, ativo e opinante no cenário cultural brasileiro.

Ferréz é reconhecidamente um escritor em ascensão. Nas últimas décadas, ele vem lançando uma forma literária que compreende a ficcionalização do ambiente das periferias, ou seja, do cenário do seu terrorismo literário, conforme ele mesmo se autodenomina. Destaca-se pela forma de abordagem da desigualdade periférica, cujo registro referencial parte de dentro da favela (NOGUEIRA, 2021, p.61).

Reginaldo Ferreira da Silva aparece como figura importante no cenário literário brasileiro contemporâneo, uma vez que as constatações em torno do que chamamos de literatura não costumam abrir espaço para o novo. Dessa forma, a presença de um autor periférico evoca a

promessa de que é possível reformular conceitos há tanto enraizados e definir literatura de “outros modos” (ASSIS, 2020, p.53).

2 A LITERATURA MARGINAL

De forma a contextualizar o termo *marginal* ao universo literário, é essencial apontar que, nesse encadeamento, ele está relacionado aos autores e às obras que, de certa forma, estão mais afastados da chamada *literatura cânone*, expressão utilizada para designar o conjunto das maiores obras de mérito artístico. Esse distanciamento faz com que os trabalhos literários tidos como marginais fiquem literalmente à margem da sociedade, isto é, fora do circuito comercial e das grandes editoras.

Aproximadamente na metade das décadas de 60 e 70, surgiu um grupo de escritores que produziam suas obras de forma distante da literatura considerada cânone, às margens do sistema de produção, circulação e distribuição das editoras mais reconhecidas. Também nesse período, havia ainda outros autores marginais, assim chamados por uma razão diferente da primeira. Em vez de escrever exclusivamente fora do meio consagrado, representavam, em suas obras, as classes mais pobres. Esses últimos autores, apesar de, em seus textos, fazerem denúncia acerca da situação do pobre no período da fatídica Ditadura Militar, não eram, eles próprios, pertencentes a essa fração da sociedade. Já há algum tempo, inúmeros escritores, não integrantes das classes menos favorecidas, escreviam pelo viés de uma literatura que denunciasse a cruel realidade do pobre.

Sobre a literatura em um escopo mais ampla, o sociólogo e crítico literário, Antônio Cândido afirma que:

[...] ela pode ser definida como a produção escrita de toque poético, épico ou dramático da qual se origina um sistema simbólico de obras ligadas por denominadores comuns, tais como: características internas – língua, temas, imagens –, um conjunto de escritores mais ou menos conscientes do seu papel, um conjunto de receptores e um mecanismo transmissor (CÂNDIDO, 1969).

Acerca do termo *marginal*, Perlman disserta que ele:

[...] ele funciona como adjetivar aqueles que estão em condição de marginalidade em relação à lei ou à sociedade, possuindo, portanto, sentido ambivalente: assim como se refere, juridicamente, ao indivíduo delinquente, indolente ou perigoso, ligado ao mundo do crime e da violência; aplica-se, sociologicamente, aos sujeitos vitimados por processos de marginalização social, como indivíduos pobres, desempregados, migrantes ou membros de minorias

étnicas e raciais, tendo como sinônimo, nesse último caso, o adjetivo marginalizado (PERLMAN, 1977).

Associado à literatura, o termo marginal adquiriu diferentes usos e significados, variando de acordo com a atribuição dos escritores, ou mais freqüentemente, com a definição conferida por estudiosos ou pela imprensa num dado contexto.

Devido à expressão *literatura marginal* ser utilizada para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial e que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos, geralmente de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados e, ao mesmo tempo, para tematizar aquilo que é característico dos sujeitos e espaços tidos como “marginais”, trata-se de um assunto controverso a associação do termo marginal à literatura, uma vez que diferentes empregos e significados surgiram a partir disso, dando origem a uma pauta ampla e de entendimento, na maioria das vezes, problemático. Diante desse ambiente impreciso de conceituações, o caminho trilhado por esse trabalho foi a atribuição da qualificação marginal, por parte de alguns escritores oriundos da periferia, à caracterização de suas produções literárias.

Um dos objetivos da literatura marginal é propor uma crítica aos conservadorismos da sociedade, incorporando à produção literária elementos e representações da violência diária nas grandes cidades. Ela busca uma atuação distante dos padrões da Academia e indiferente à crítica literária, fazendo com que estivesse propositalmente à margem da “alta cultura”.

2.1 A Cultura Das Periferias

Tomando como base a nova geração da Literatura Marginal, caracterizada pelo papel da periferia na atualidade e pela função que ocupa no contexto literário, iniciamos com algumas observações acerca de como o escritor periférico se sente, o que o inspira, e quem ele espera atingir com suas obras, por meio de uma citação de Allan Santos da Rosa, autor residente na periferia da cidade de São Paulo, professor de História da África e do Brasil, e educador no EJA (Educação de Jovens Adultos), em entrevista concedida no dia 01 de outubro de 2005:

A gente é marginal, mas quer ter editora, quer ter doutorado. A margem pra mim é o que desestabiliza o centro, por isso, mesmo que um dia a gente esteja numa editora grande, vai ser marginal. Marginal é pelo tema, é pela forma, é pela fonte, pela raiz, é pelo público que a gente imagina atingir. Eu penso nos caras que são marginalizados pela cultura quando eu tô escrevendo, eu penso no meu vizinho. Eu me identifico com o termo, mas eu não quero nem pra mim, nem pra você, ficar dormindo embaixo de goteira, passando perrengue (ROSA, 2004 *apud* NASCIMENTO, 2009, p.183).

Esse fragmento traduz um pouco da nova geração da Literatura Marginal à qual Ferréz pertence. Essa geração é intitulada marginal não somente devido ao local onde vive ou ao ambiente em que pertence, mais que isso, é definida porque esses escritores “moram” dentro do tema que retrata as minorias, os seres considerados “invisíveis”, que são esquecidos e deixados de lado pela sociedade. Ao ser compreendida como “moradia” do tema, originária de uma matriz sociológica, a marginalidade culmina na imposição da periferia como tema de suas narrativas, tornando-se a própria condição de legitimidade para esses autores, isto é, uma credencial que permite a sua entrada. Sendo assim, o rótulo de marginal torna-se condição para que um autor da periferia obtenha a legitimidade e o passaporte de entrada no espaço editorial cânone.

A geração ora retratada reúne, em sua maior parte, escritores e artistas oriundos da periferia de São Paulo, e pensar nesses autores é refletir acerca de seus ambientes e personagens. Nesse caso, os personagens são os próprios escritores, sendo Ferréz o mais atuante.

Não há como discorrer sobre Literatura Marginal sem citar a tão famosa revista *Caros Amigos*. Tendo Ferréz como organizador de suas três edições, a revista brasileira tinha o objetivo de trazer informações políticas, econômicas e culturais a seus leitores. Entre os dez autores de sua primeira edição, todos homens, oito têm origem na Região Metropolitana de São Paulo. O projeto dava voz e vez a colaboradores com total liberdade de opinião, e a maioria deles com visão crítica ao pensamento neoliberal e no campo da esquerda.

Quando o assunto se trata das criações artísticas denominadas marginais, Érica Peçanha do Nascimento, antropóloga urbana, especialista nas discussões sobre periferia, cultura e juventude, e uma das principais referências em estudos acerca da Literatura Marginal e Periférica fundamenta-se em argumentos que assinalam certa relativização acadêmica de centro e periferia, certificando discriminação evidente entre as duas. Todavia, a pesquisadora esclarece que, assim

como nos centros urbanos, as populações residentes nas periferias também produzem literatura, de modo a representar suas vivências, realidades e visões de mundo.

Nascimento (2009) afirma que a periferia constitui:

[...] espaço da carência que reúne a população marginalizada social e culturalmente, e que faz emergir produtos culturais como a música *rap* e a literatura marginal periférica; que organiza a produção literária e a atuação dos escritores, e valida a construção de suas imagens[...] (NASCIMENTO, 2009, p. 153-154).

Além disso, a autora explora e também discorre sobre raciocínios importantes em torno do termo marginal, conferido a esse grupo de autores específico. Explica, ainda, que são produções intituladas e relacionadas como marginais por não fazerem parte da lista de títulos clássicos, ao mesmo tempo em que são produzidas por escritores das alcunhadas “minorias sociológicas”:

Associado à literatura, o termo marginal adquiriu diferentes usos e significados, variando de acordo com a atribuição dos escritores, ou mais frequentemente, com a definição conferida por estudiosos ou pela imprensa num dado contexto [...] Sob um outro ponto de vista, literatura marginal designaria os livros que não pertencem aos clássicos da literatura nacional ou universal e não estão nas listas de leituras obrigatórias de vestibulares [...] Ou ainda, como nos estudos mais recentes, o emprego da expressão denotaria as obras produzidas por autores pertencentes a minorias sociológicas, como mulheres, homossexuais e negros. [...] É importante considerar, diante dessas diferentes abordagens, que literatura marginal se tornou uma rubrica ampla que abrange a inserção dos escritores no mercado editorial, as características dos produtos literários, um tipo de atuação literário cultural, ou ainda, a condição social do escritor (NASCIMENTO, 2009, p. 37-39).

Dinâmica semelhante se desenvolve com a terminologia *periférico* que, em momento algum, possui o papel de atestar uma inferiorização de determinada criação ou autor em detrimento de outros. Contrariamente, a intenção é de atribuição de significação positiva de autoconfiança.

Sendo assim, a cultura popular associada à cultura de periferia possibilita a ressignificação da locução “cultura popular periférica”, integrando o aspecto urbano próprio ao adjetivo

periférico. Uma nomenclatura repleta e atravessada de significados e contradições, sujeita, inclusive, aos riscos da mercantilização, advertido por Stuart Hall (2011):

Ela é o espaço da homogeneização em que os estereótipos e as fórmulas processam sem compaixão o material e as experiências que ela traz para dentro de sua rede, espaço em que o controle sobre as narrativas e representações passa para as mãos das burocracias culturais, às vezes até sem resistência (HALL, 2011, p. 323).

Portanto, o movimento da literatura marginal periférica funciona com o objetivo de valorizar esses escritores, concedendo conteúdos mais adequados à periferia. Além disso, ela hoje possui ainda mais importância, pois estimula a inteligência, o senso crítico, promovendo a reflexão sobre fatos ou acontecimentos que nos rodeia.

3 A ORIGEM E O CONTEXTO DE CAPÃO PECADO

Este capítulo, ao dissertar sobre a origem de *Capão Pecado*, está se referindo à motivação, à justificativa, ao que levou o autor Reginaldo Ferreira da Silva a escrever sobre o Capão Redondo, um lugar tão esquecido e invisibilizado. Mais que isso, refere-se ao que fez com que o autor escrevesse sobre as pessoas que atravessam e contam, no dia a dia, a história desse lugar.

Capão Pecado é uma destas obras de difícil conceituação ou classificação porque é bastante única e propõe reflexões acerca do ser literário ao trazer para os livros um espaço excluído.

Por que nunca haviam escrito um livro sobre o Capão Redondo? Ferréz sentiu uma necessidade urgente em a sociedade ler e entender um pouco sobre o local que o originou. Era preciso tornar públicas as histórias vividas naquele lugar, e que eram tão semelhantes às deles e, principalmente, tão parecidas entre si. O seu pensamento era de que os leitores deveriam ler algo voltado para o público da periferia.

O contexto de Capão Pecado, por ter sido produzido por Ferréz no berço do Capão Redondo, legitima-o como literatura periférica. Lançado no contexto de uma hesitante abertura editorial para a literatura produzida fora do campo canônico literário brasileiro, o romance é um marco da literatura marginal e, sob esse aspecto, apresenta a fala do subalterno e a cultura marginal.

Capão Pecado já havia sido noticiada nos jornais antes mesmo de sua publicação de fato, que ocorreu em 2000, provocando significativa repercussão por ter como escritor um jovem morador desempregado da periferia da zona sul paulistana, o Capão Redondo, território conhecido devido às grandes evidências de violência, entre outros índices sociais, no qual a obra literária jamais havia sido uma forma de expressão familiar.

A manifestação de Ferréz, incutida pelo objetivo de representar vivências até então excluídas da cena literária e do processo simbólico de maneira geral, a partir de um ponto de vista interno, parecia impor-se como intermédio de seu texto, determinando com o leitor uma espécie de acordo pautado na autenticidade, na verossimilhança, na proximidade entre obra e realidade, sendo o teor testemunhal o principal componente dessa relação. É aquilo que chamamos de “suspensão da descrença” ou “pacto de verossimilhança”.

O livro *Capão Pecado* é um romance que se passa no bairro periférico Capão Redondo no ano de 1999, ou seja, traz uma periferia bem antiga, de 20 anos atrás, e mostra o cotidiano dos moradores locais naquela época. As personagens são fictícias, mas o próprio atesta o teor de realidade na obra, afirmando, inclusive, ter um pouco de sua vida em cada história retratada.

Geralmente quando uma pessoa se propõe a ler um livro, as histórias que o compõem não são baseadas na vida dela e, com isso, não há uma identificação concreta entre leitor e obra. A grande ideia de Ferréz, ao escrever *Capão Pecado*, foi tornar o leitor o mais próximo possível de sua leitura, principalmente o público jovem, ao retratar fatos corriqueiros do dia a dia e as dificuldades e obstáculos enfrentados pelos moradores da periferia da zona sul de São Paulo, que vão desde a impossibilidade de comprar um tênis à falta de saneamento básico nas casas ou até mesmo, a ausência de comida em casa. O livro mostra o cotidiano de uma classe que é a grande massa trabalhadora, que levanta extremamente cedo para trabalhar e prestar serviços a terceiros quando, na maioria das vezes, nem tem acesso a esses mesmos serviços. Um povo miserável que serve muito bem à elite e que possui muito mais deveres do que direitos.

Em entrevista à TV Câmara São Paulo, em 2018, Ferréz contou que uma de suas motivações para escrever sobre o povo do Capão Redondo foi que, ao adentrar as livrarias em busca de uma nova leitura, não encontrava nada que o identificasse, nada que fosse a “cara” dele, que retratasse algo semelhante às suas histórias, ao seu dia a dia ou ao local onde havia nascido. E, assim, surgiu o questionamento sobre o porquê ninguém nunca havia escrito um livro para aquele povo. As pessoas, a mídia e os especialistas, em geral, estão sempre reiterando que os jovens da periferia precisam ler e estudar, mas em momento algum é disponibilizada para esse público uma literatura que os represente, que se aproxime de sua vivência e fomenta o interesse e o desejo de eles, de fato, pegarem um livro e começarem a ler.

Sendo assim, o autor decidiu por escrever uma história de amor advinda da periferia, sem aquela conotação utópica dos romances mais clássicos e dos contos de fadas. Um romance real, até mesmo proibido, e atravessado por diversas questões e outras histórias paralelas também construídas no contexto do Capão Redondo. Em suas próprias palavras, foi a produção de um enredo simples e que não precisasse “viajar muito nas ideias”.

Ao escrever sobre as personagens e construir suas narrativas, Ferréz se deu conta que, ao mesmo tempo, estava confeccionando um mapa de onde tudo acontecia. Ao retratar a escola (abandonada), o posto de saúde (com ausência de medicamentos), a casa de Rael e dos demais

moradores do morro, o caminho de terra, etc. O espaço foi se formando, e esse espaço é real dentro do cotidiano daquelas pessoas. Não há faculdade, restaurantes ou cafeterias na história, pois esses locais não fazem parte do dia a dia daqueles que protagonizam as cenas.

Na época em que escreveu *Capão Pecado*, Ferréz não possuía nenhuma referência literária e nenhum amigo escritor. Ele simplesmente desenhou um mapa em uma folha de caderno, no qual colocou os nomes das personagens e as características físicas e psicológicas de cada um. Em suma, cada personagem recebeu uma espécie de ficha que a tornava única. Todos esses escritos eram feitos de forma manual e, apenas posteriormente, passados para o computador, que ele havia pegado emprestado de um amigo, mas não tinha recursos suficientes para ter o seu.

O autor reitera o quão difícil foi construir o livro. Até seus próprios amigos, de forma recorrente, debochavam dele. No morro, falavam para ele que ninguém lia e que, portanto, não fazia sentido em ele escrever um livro; afirmavam que era mais fácil montar um grupo de pagode ou ir tocar qualquer outra coisa. Porém, Ferréz permaneceu em seu objetivo, pois acreditava que as pessoas ali só não liam porque ainda não haviam encontrado nada que as atraísse verdadeiramente. Ao longo do tempo, o escritor percebeu que não apenas a classe menos favorecida do Capão Redondo não tinha interesse pela leitura, mas a elite e a classe média também liam muito pouco. Em outras palavras, a ausência de leitura constitui um problema de caráter social.

Outro destaque dado pelo escritor em relação à obra está no que ele chama de “fluxo do bairro”. Segundo ele, todo bairro tem seu ritmo ainda que as pessoas que o habitam possuam outro, e o problema ocorre quando o indivíduo “entra no clima” do coletivo, “vai na onda” da maioria. A partir do momento em que esses fluxos se confundem, o indivíduo peca e, por esse motivo, o título do livro traz o termo *pecado* em sua nomenclatura.

Em relação às personagens, Ferréz enfatiza sua intenção ao criar Paula, uma das protagonistas do romance. Ao mesmo tempo em que batalhadora e digna, a personagem, em momento algum, é caracterizada como boba, frágil ou posta em um papel de vítima. No pensamento do autor, a figura feminina não deve ser colocada na posição de vítima embora muitos outros romances a conduzam para este papel. Sendo assim, Paula é uma menina de personalidade forte, independente e protagoniza grande parte do enredo de *Capão Pecado*.

A história como um todo passeia por alguns amigos que vivenciam a marginalidade e que, aos poucos, foram sendo excluídos pelo sistema e, em consequência, tomaram ações que os

levaram para caminhos tristes e fins trágicos. O livro não possui o intuito de julgar essas pessoas, mas apenas contar sobre seu cotidiano. Quem de fato julga as narrativas é o leitor.

A obra mostra como é fácil para um morador da periferia ser incluído na vida do crime. Basta uma atitude errada, e até mesmo ingênua, para se ver inserido em atos ilícitos. Nesse sentido, Ferréz vai ainda mais além ao citar uma frase que todo mundo fala, mas que, no seu ponto de vista, está equivocada: *Na cadeia não tem inocente*. Para o escritor, na cadeia há muitas pessoas inocentes sim, pois no momento em que um cidadão é pego em flagrante sem nem saber do que estava fazendo parte (apenas por pegar carona em algum veículo roubado, por exemplo), ele é inocente. Depois de um tempo preso, pois autoridade nenhuma acreditaria em sua inocência, é que ele se torna bandido, após fazer a faculdade do crime dentro da própria prisão.

Muitos pais compraram o livro de Ferréz com objetivo de mostrar aos filhos uma realidade desconhecida por eles, por não fazer parte da sua vivência. O intuito é que essas crianças e adolescentes sejam conscientes de que existem muitas pessoas vivendo situações precárias e, dessa forma, passem a valorizar mais a sua realidade que, certamente, é mais branda do que a das personagens de *Capão Pecado*.

Inúmeras vezes o autor já se deparou com seu livro na parte de Sociologia das livrarias em vez de estar presente na categoria romance, justamente pela história retratar problemas sociais tão latentes e extremamente palpáveis.

Em suma, *Capão Pecado* é uma obra que permite ao leitor dar risadas e sofrer ao mesmo tempo com a narrativa de seus membros, além de aguçar o senso crítico daquele que se dedica à leitura. É um livro que traz desconforto, muitas incertezas e um misto de sentimentos acerca da vida:

[...] área miserável onde todos cantam a mesma canção, que é a única coisa que alguém já fez exclusivamente para alguém daqui; certamente, é algo sobre a dor, a esperança, a frustração, ou algo tão específico que só poderia ser feito para os habitantes de um lugar por Deus abandonado e pelo diabo batizado de Capão Pecado (FERRÉZ, 2016, p. 149).

4 ANÁLISE DA OBRA

4.1 Criação e Representatividade

O registro escrito como constituição da identidade humana pode ser analisado por meio de diferentes perspectivas científicas. Nesse sentido, a possibilidade encontrada nos estudos literários é relevante ao tomar como objeto de reflexão a matéria genuína dessa proposição: a linguagem.

Assim, quando alguém está disposto a tal empresa, fica estabelecido um ponto marcante na história da sociedade, sobretudo para os envolvidos na obra literária, como demonstrado pelo pesquisador Jorge Luiz Barbosa (UFF) em seu artigo:

A obra de arte pode ser uma interrogação da vida e da história e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de resposta. Mais do que um segredo da criação subjetiva ou pura expressão da sensibilidade humana, é a arte capaz de apresentar um lado ignorado ou mesmo esquecido do mundo habitado pelos homens (BARBOSA, 2009).

É possível perceber essa essência em *Capão Pecado* desde a motivação expressa por Ferréz para o surgimento do livro. A narrativa permite incluir, no universo identitário da literatura brasileira, histórias invisibilizadas não só na arte, mas também na estrutura social da maior cidade do Brasil, São Paulo. Fazer isso demonstra a aplicação do entendimento da literatura como direito, expresso por Antônio Cândido:

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica,, inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CÂNDIDO, 1995).

Portanto, inserido na categorização de literatura marginal, para a localidade do Capão Redondo (cenário de representação e de origem e destino do autor Ferréz), o livro inaugura a expressão da necessidade de uma pessoa em ter seu registro identitário assinalado na história, mas não apenas por um anseio de reconhecimento de si mesmo, mas como suprimento que se estende prioritariamente para todo o seu grupo de pertencimento e, em seguida, para todas as possibilidades de públicos leitores em situações parecidas ou diversas.

4.2 Denúncia Social

Como observado acima, o papel de representatividade cumprido por *Capão Pecado* se faz, inicialmente, pelo ato do registro escrito na obra literária. Mas essa missão, apesar de digna e suficiente, não termina em si mesma. Além de "estar lá", a estrutura da obra assume uma postura brutal com o objetivo de reparar os prejuízos da invisibilidade a que esses indivíduos são submetidos diariamente.

Sendo assim, esta seção dispõe de alguns elementos e fragmentos selecionados que demonstram como isso se manifesta no texto, definido como um "choque de realidade" pela constante presença da violência na vida dos personagens e a banalização da morte. A denúncia é ilustrada com os seguintes problemas sociais: uso de drogas, alcoolismo, mortalidade, gravidez precoce, corrupção da polícia, descaso público, aborto provocado, injustiça social, estupro, entre outros.

A riqueza de detalhes para cenas tão brutais tem o intuito de aproximar o leitor daquela realidade e provoca sensações que só com a experiência seriam possíveis, porém, suscitadas, no processo da leitura, graças ao manejo apurado da linguagem praticado pelo autor em cada cena.

Destaque merecem as séries fotográficas presentes na obra, que descrevem a singularidade, a condição, o anonimato, o abandono e, ambigualmente, a felicidade estampada em faces de crianças, jovens e adultos. Não são todas as edições de *Capão Pecado* que possuem as fotografias impressas em suas páginas, apenas tiragens pela Labortexto Editorial apresentam essas imagens.



Um dos maiores impactos provocados pela obra de Férrez certamente é a observação da naturalização da violência, tomada por um determinismo social muito forte e que nos remete ao

realismo naturalista da literatura clássica. Mais do que o determinismo, impacta justamente pelo escancarar da desesperança que joga tudo num poço de desespero em que não se apresentam soluções, apenas uma sobrevivência animalizada e violenta num ambiente que não poupa ninguém, nem mesmo àqueles que um dia ousaram sonhar.

4.3 Coletividade

A amplificação das vozes representadas no texto ficcional é anônima e indireta em relação à realidade vivida pelos moradores de periferias, enquanto os relatos e fotografias provocam uma sensação de mediação direta, mas sem invalidar o esforço narrativo da criação ficcional igualmente brutal e crua.

É importante observar que a obra de Ferréz segue a lógica de uma construção de identidade em prol da coletividade em sua forma e conteúdo. *Capão Pecado* conta com textos de narrativas ficcionais, relatos documentais e séries fotográficas em algumas edições e, com isso, revela seu caráter participativo, seguindo uma prática comum em ambientes de criação periféricos e também de ajuntamentos políticos de crítica e resistência em tempos de truculência socioeconômica contra esses espaços, conforme destaca a pesquisadora Luciana Mendes Velloso (UFMG) em sua dissertação intitulada *CAPÃO PECADO: sem inspiração para cartão postal*:

O livro parece colocar em cena uma coletividade, braço de um grande projeto de uma região que quer se estabelecer ou se estabilizar com um discurso coeso, uno e integrado ante a sociedade brasileira, marcada por grandes diferenças, sobretudo econômico-sociais. A postura ousada, do escritor, de unir ao objeto literário a fala, a imagem e a coletividade é, a princípio, inovadora, mas sobretudo política (VELLOSO, 2007).

Dessa maneira, a inserção de múltiplas vozes vai além de uma decisão estética inovadora de promoção de sua validade literária, pois configura-se como compromisso essencial de uma programação sociopolítica na qual o autor está inserido e disposto a travar batalhas culturais capazes de dismantelar a violência da invisibilidade de seu território e de seus semelhantes.

4.4 – Mapeamento

Um dos fatores de impulsionamento da força imagética da obra literária é a estrutura minuciosamente descritiva. A riqueza de detalhes é o que aproxima o leitor das situações narradas. Em relação aos personagens, a descrição funciona como mecanismo de empatia, enquanto no enredo é o que desperta sensações de experiência, ao levar o brutalismo, a violência e o medo ao ponto central das atenções do livro, como já explicitado nas seções anteriores. Há, porém, um terceiro aspecto que ganha notoriedade nessa composição: a representação do espaço.

A descrição espacial se faz necessária para compreender a complexidade daquela realidade, seja para garantir o entrosamento e despertar o pertencimento do público leitor originário do Capão Redondo ou de outras regiões periféricas em situações semelhantes, ou para alcançar leitores que não têm o espaço da periferia em seu acervo de experiências concretas. Assim, o livro funciona como um mapa dessa região violenta da Zona Sul de São Paulo, com os cenários: “*a padaria, a escola abandonada, o posto de saúde sem medicamentos, o caminho de terra, o poste de madeira onde o pessoal se encontra, entre outros.*”

Com isso, destaca-se a importância desse aspecto no conjunto de intenções de concepção de *Capão Pecado*, inserido na literatura marginal, tomando por base os públicos que terão acesso a ela, como explicita a professora Luciana Paiva Coronel (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) em seu artigo:

Importa vislumbrar esses momentos de superação da fronteira geográfica de pertencimento de *Capão Pecado*, porque eles permitem que o leitor se inclua na problemática que a obra expõe, não apenas no papel de adversário que ela ocasionalmente lhe destina, mas no papel de cidadão que se importa com o que se passa às margens do espaço urbano, porque, afinal, a cidade é uma só, ainda que seja uma cidade partida (CORONEL, 2013).

E, assim, verifica-se mais uma vez que a escolha dos mecanismos narrativos espelha a intencionalidade engajada no compromisso social, assunto abordado em todas as seções até aqui, formando a unidade da obra.

5 NÃO É SÓ O CAPÃO REDONDO

A situação retratada no livro de Ferréz não é restrita a São Paulo ou àquela região do Capão Redondo, muitos territórios periféricos espalhados pelo Brasil sofrem da mesma crueldade que aquela comunidade sofre.

Periferia é tudo igual, não importa o lugar, Zona Leste, Oeste, Norte ou Sul. Não importa se é no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, Brasília ou São Paulo, enfim, seja lá qual for o lugar, sempre serão os mesmos problemas que desqualificam o povo mais pobre, moradores de casas umas amontoadas em cima das outras (Se eu quero, eu posso, eu sou, *Outraversão*, pág. 160).

Capão Redondo é um distrito pertencente à subprefeitura do Campo Limpo, na região sudoeste do município de São Paulo, no estado de São Paulo, Brasil. Está localizado a cerca de 16 quilômetros do marco zero da cidade.

A população da cidade de São Paulo somada a da região metropolitana atingiu 16,5 milhões de habitantes no final da década de 1990. O Capão Redondo, na região sul da capital, junto a bairros adjacentes, registra o maior crescimento demográfico e índices de desemprego, criminalidade e violência. Os dados alarmantes não surpreendem o “morador público” da cidade midiática. É o esperado. As chacinas, o tráfico, a gravidez precoce e demais mazelas não são novidades para aqueles que acompanham o que se passa naquelas regiões da metrópole por meio dos veículos de comunicação. E estar informado é uma obrigação que, cumprida, não necessariamente problematiza e aproxima. Para quem os tais dados não são números, tampouco imagens ou notas efêmeras, mas vizinhos, filhos, maridos, esposas, si próprio, não há muro ou página virada que separe das consequências de sobreviver nessa realidade.

Encravado entre os bairros paulistanos Jardim Ângela e o Capão Redondo, o Cemitério São Luiz é tido como o terceiro mais violento do mundo, perdendo apenas para o de Calí e o de Medellín. Estima-se que 80 % dos seus 150.000 sepultados tiveram mortes violentas, entre os quais, dois terços seriam homens, com idades entre 13 e 25 anos. Quatro entrevistados contam histórias de vida e de morte de seus parentes enterrados no São Luiz, compondo um quadro complexo, profundo, duro e humano sobre a existência na periferia das grandes cidades.

Capão Pecado é um livro sobre aqueles que estão à margem. As histórias ali narradas são de personagens pertencentes à comunidade do Capão Redondo, porém essa mesma realidade é vivenciada todos os dias em diversas outras periferias, de inúmeras cidades. O Capão Redondo é o cenário desses enredos específicos, pois foi onde nasceu Reginaldo Ferréz, mas, de maneira corriqueira, essas mesmas trajetórias se repetem por diversos cantos do Brasil. É possível generalizar as questões trazidas na obra, de forma que passem a ser tratadas como problemas graves de ordem social.

O romance ora em pauta reflete as histórias dos habitantes do Capão Redondo, periferia de São Paulo, mas retratam outras muitas pessoas: aqueles indivíduos que lavam carros, servem comida nos restaurantes, trabalham em padaria, faxinam casas de ricos, são babás de filhos de ricos, seguranças em estabelecimentos, e etc. São histórias de seres humanos que não possuem segurança, saneamento básico precário, que não tem pessoas com quem deixar seus filhos enquanto trabalham e que, muitas vezes, mal conseguem comprar mantimentos para colocar dentro de casa. São sujeitos que convivem diariamente com a fome, a miséria, com a violência do tráfico de drogas, com confrontos policiais e com a morte tão de perto.

As histórias descritas no livro são marcadas por muita violência e penúria. São inúmeros os viciados em drogas. Existem alcoólatras, desempregados, sem família e sem esperança, jogados na sarjeta. Há religiosos fanáticos. Cada um lutando todos os dias pela sobrevivência. Ao mesmo tempo em que a luta diária pela vida existe, muitas delas são interrompidas de forma repentina, inesperadamente por tiros. As causas dessas mortes são infinitas: acerto de contas, vingança ou, até mesmo, silenciamento.

Capão Pecado, mais do que crônicas de uma comunidade pobre e oprimida, trata da desumanização completa e da desesperança numa obra que demanda, para além de sua violência e demasiada naturalização, estudos mais profundos e críticos que se atenham somente a sua voz marginal e oral, mas que compreendam sua complexidade e discutam como literatura.

Segundo o narrador do romance, o espaço em que vivem as personagens, o Capão Redondo, é um local *esquecido por Deus e batizado pelo diabo*. É o fim da linha. É um grito de socorro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Capão Pecado é uma obra construída “a várias mãos”, o que reforça seu teor “comunitário”. De fato, não são apenas os inúmeros personagens, retratados no livro, que indicam tratar-se de uma trama que aborda a vida de determinado grupo social. Vários são os “coautores” que aparecem ao longo da publicação, intercalando, aos cinco atos da narrativa, espécies de “manifestos”. Os temas desses pequenos textos são recorrentes: violência, injustiça social, miséria; sempre em um tom de denúncia ou desabafo.

É notório o grande empenho de Ferréz na composição de uma obra que busca refletir a complexidade de situações e personagens há tanto tempo invisibilizados socialmente, mesmo sendo parte expressiva da população urbana brasileira. Isso incentiva um esforço, ainda que gradual, de garantir o acesso de vidas ao universo literário (em leitura e em representatividade narrativa). O livro é impactante, não apenas como obra isolada, mas como parte de um projeto mais amplo, desenvolvido pelo autor.

Portanto, é impossível partir de uma análise social do que foi destacado literariamente sem vislumbrar a relevância de um trabalho como *Capão Pecado* e as oportunidades de embate cultural que ele trilha para a construção de uma consciência mais ampla sobre realidades difíceis e enfrentadas por muitos brasileiros. Além disso, insere a criação literária, de forma igualmente brutal à realidade retratada, na luta por espaço crítico, com denúncia e destituição de forças que sustentam violentas desigualdades no Brasil atual.

O livro *Capão Pecado* é o “lugar” encontrado para dizer de um real ainda não documentado, segundo seus protagonistas, isto é, os próprios moradores da comunidade do Capão Redondo. Mais que um objeto literário, a obra conduz a percepção do leitor para um *locus* e um social, para uma verdadeira esfera política da periferia.

Ao analisar essa obra literária pela perspectiva de fonte histórica, busca-se evidenciar como a ficção literária pode desvelar os abismos sociais ainda latentes na sociedade brasileira atual. Este não é um livro de fácil análise, pois ao dar voz e vida a um espaço geralmente excluído da sociedade, ao mesmo tempo nos grita que justamente neste local de opressão e esquecimento se reproduzem o que desejam as elites, de tal forma que a própria obra apresenta dificuldades em apresentar uma alternativa, em olhar de outra forma o próprio espaço.

Temos, portanto, uma narrativa a partir dos próprios excluídos, mas a partir daí temos também outra série de reflexões a fazer, inclusive de como nesse espaço de oprimidos são ampliadas

também as diferentes formas de expressões visto que, neste espaço tão pressionado e excluído, o próprio romance repercute e repete as opressões, de tal forma que a comunidade rejeita o diferente como, por exemplo, quando criticam aqueles que ainda se permitem sonhar com um mundo melhor, seja pelo estudo ou pelo trabalho. Esses passam a ser excluídos dentre os seus, fortalecendo a ideia do não pertencimento do indivíduo à sociedade.

Nesse sentido, a violência escamoteada é ainda mais impactante, pois ao ocorrerem tais distinções e ao passo que a própria narrativa acaba aceitando isso, ela de certa forma reproduz um olhar dominante de que é culpa do oprimido a não libertação.

Capão Pecado, mais do que crônicas de uma comunidade pobre e oprimida, trata da desumanização completa e da desesperança numa obra que demanda, para além de sua violência e demasiada naturalização, estudos mais profundos e críticos que se atenham somente a sua voz marginal e oral, mas que compreendam sua complexidade e discutam como literatura.

Ferréz deixa claro, em sua obra, que *Capão Pecado* “é um livro de mano para mano. É ácido e violento. É um grito”, ou seja, é como tem de ser. É reflexo da realidade e da linguagem dos habitantes da comunidade do Capão Redondo.

“Uma vez ouvi que as crianças são o futuro. Concordo. Mas não as daqui.”

(C.R. Campo de guerra da nova era, Garrett 1DS, pág. 169)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Rayana Alves de. Literatura e (re)existência: a voz marginalizada da periferia como empoderamento popular. **Revista Virtual de Letras**, [s. l], v. 09, n. 1, p. 458-474, 2017. Semestral. Disponível em: <http://dspace.unila.edu.br/123456789/2069>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- ASSIS, Emanuel Cesar Pires de; SILVA, Keury Carolaine Pereira da. Figurações da periferia em Capão Pecado, de Ferréz. **Revista Eletrônica Interfaces**, [s. l], v. 03, n. 11, p. 52-65, ago. 2020. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6420. Acesso em: 09 ago. 2021.
- BARBOSA, Jorge Luiz. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. **Geographia**, v. 2, n. 3, p. 69-88, 2009.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. vol. 1. 3. ed. São Paulo, Edusp, 1969.
- CANDIDO, Antonio. “Direitos humanos e literatura”. In: FESTER, A. C. **Direitos humanos e...** São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CANDIDO, Antonio. O Direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8. ed. São Paulo, T. A. Queiroz Editora, 2000
- CORONEL, Luciana Paiva. A escrita da cidade partida: identidade e alteridade em Capão Pecado. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 42, p. 29-45, 2013.
- CUNHA, R. R. da. **Rap e violência em capão pecado, de Ferréz**. 2019. 69f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Programa de Pós- Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (MEL), Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, 2019.
- ROSSI, Marina; BARCA, Antonio Jimenez. Até hoje eu não sei o que é pior: a igreja ou a droga. Entrevistado: Ferréz. Entrevistadores: Marina Rossi e Antonio Jimenez Barca. **EL PAÍS**. São Paulo, 27 abr. 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/21/cultura/1429627864_042387.html. Acesso em: 09 ago. 2021.
- FERRÉZ. **Capão Pecado**. 2 ed. São Paulo: Planeta. 2016.
- FIN, Claudia Cristina. **Desvelando a periferia: ficção e história em capão pecado, de férrez**. 2020. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, Pró-Reitoria de Pesquisa e Graduação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020.

HALL, S. Que negro é esse na cultura negra. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da Diáspora** : identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2011

LEROUX, Liliane *et al.* **Deslocamentos da nova literatura marginal**: os sentidos de ‘periferia’ e o livre ficcionar do artista.” *Antares: Letras e Humanidades*, v. 6, n. 12, p. 3-20, 2015.

MARQUES, Luciana Araujo; HOSSNE, Andrea Saad. **Pacto em Capão pecado**: das margens para o centro do texto, do texto para o interior do homem. 2011. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-02082011-141504/> >.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **'Literatura marginal'**: os escritores da periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.8.2006.tde-03092007-133929. Acesso em: 2021-08-12.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009

NOGUEIRA, Arlindo. **Capão Pecado**: uma história da periferia para o livro, deste para os grandes centros urbanos. 2021. 78 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Letras - Português, Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

OLIVEIRA J. de M. S.. A representação das classes populares em zero: questões de legitimidade, autoridade e alteridade na literatura marginal. **Revista (Entre Parênteses)**, 7(2), 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.32988/rep.v2i7.775>

PERLMAN, Janice E. **O mito da marginalidade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

RODRIGUES, Renata de Oliveira Batista. **Literatura Marginal, Periferia e Ferréz**. 2014. 70 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2014.

SANTOS, Darlan; FUX, Jacques. Litera-Rua: a cultura da periferia em Capão Pecado, de Ferréz. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. n. 41, pp. 87-98, 20013. ISSN 2316-4018.

SANTOS, Estela. **Capão Pecado**: violência e miséria na periferia paulistana. Em seu romance Capão Pecado, Ferréz apresenta a realidade de Capão Redondo, lugar abandonado por Deus e batizado pelo Diabo. 2017. Disponível em: <https://homoliteratus.com/capao-pecado-violencia-e-miseria/>. Acesso em: 04 fev. 2022.

TV CÂMARA SÃO PAULO. **Capítulo a Parte: Capão Pecado**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qZ0kuXI0WM0>. Acesso em: 24 jan. 2022.

VELLOSO, Luciana Mendes. **Capão pecado, sem inspiração para cartão-postal**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007.